

# A variação das formas curta e longa dos adjetivos no russo antigo literário

*Kristina Balykova*<sup>1</sup>

Recebido em 20 de abril de 2018.

Aceito em 24 de maio de 2018.

**Resumo:** Este artigo apresenta um estudo sobre o uso das formas curta e longa dos adjetivos na língua russa antiga literária. É um estudo diacrônico que compara entre si três períodos históricos: 1) final do século XII, 2) final do século XIV – 1ª metade do século XV e 3) 1ª metade e meados do século XVII. A coexistência das duas formas é tratada à luz da Teoria da Gramaticalização, segundo a qual as estruturas linguísticas mais antigas (adjetivos curtos) persistem ao lado das inovadoras, frutos de gramaticalização, (adjetivos longos) quando há diferenças no seu uso. A variação no uso das duas formas adjetivais é explicada com base na análise estatística dos dados que indicou os fatores linguísticos relevantes para a escolha entre elas.

**Palavras-chave:** adjetivos; gramaticalização; russo antigo; variação.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística na UFRJ. E-mail: kristinabalykova@gmail.com.

## Introdução

O objetivo do presente trabalho é descrever e analisar os usos das formas curtas e longas dos adjetivos no russo antigo literário. Para tal, comparamos três estados sincrônicos correspondentes aos seguintes períodos históricos: 1) final do século XII, 2) final do século XIV – 1ª metade do século XV e 3) 1ª metade e meados do século XVII. Assim, nossos “passos” na linha do tempo, entre um estado sincrônico escolhido e o outro, medem cerca de duzentos anos. Para cada um dos estados da língua assim delimitados, estudamos dois textos, um poético e outro em prosa.

Por meio dessa investigação diacrônica, buscamos evidenciar e, em parte, explicar as variações no uso das formas curtas e longas assim como a propagação dessas últimas na língua russa. Na nossa análise, levamos em conta tanto fatores formais quanto semânticos e funcionais.

Compreendemos a coexistência das duas formas adjetivais, à luz da Teoria da Gramaticalização (HOPPER & TRAUGOTT, 2003) como um exemplo de estratificação (*layering*), ou seja, um estado linguístico em que as formas mais antigas (adjetivos de forma curta) persistem e interagem com as mais recentes (adjetivos de forma longa).

A primeira seção do artigo consiste da presente introdução. Na seção 2, descrevemos brevemente a correlação entre as formas curtas e longas dos adjetivos no russo moderno. Na seção 3, tratamos do surgimento e da propagação das formas longas na língua russa a partir da perspectiva de gramáticas históricas. Na seção 4, analisamos o surgimento das formas longas à luz da Teoria da Gramaticalização. Na seção 5, descrevemos a metodologia da pesquisa realizada. Na seção 6, apresen-

tamos os resultados e, na seção 7, as considerações finais.

## As formas curtas e longas na língua russa moderna

Para poder tratar do desenvolvimento histórico dos adjetivos russos, é preciso saber sobre o uso atual das suas formas curtas e longas. No russo moderno, esse uso é correlacionado com a divisão dos adjetivos em três subtipos: qualitativos, relacionais e possessivos. Os adjetivos qualitativos (rus. *káčhestvennyye prilagátelnyye*) denotam uma propriedade que pode ter diversos graus de intensidade (ex.: *biélyi* ‘branco’, *krasívyi* ‘bonito’). De modo geral, esses adjetivos apresentam formas curtas apenas na função de predicativo do sujeito, na qual suas formas longas também podem ocorrer, conforme mostram os exemplos (1) e (2):

(1) *Kakói krasívyi/\*krasív vid!*  
que bonito vista  
‘Que vista bonita!’

(2) *Étot vid krasívyi/krasív.*  
esse vista bonito  
‘Essa vista é bonita.’

O termo *adjetivos relacionais* (rus. *otnosítelnyye prilagátelnyye*), por sua vez, se refere aos que indicam uma característica material do objeto (ex.: *stekliánniy* ‘de vidro’), uma circunstância (*vtcheráshnii* ‘de ontem’) ou uma ação (ex.: *podgotovítelnyy* ‘preparatório’). Esses adjetivos não possuem formas curtas, como podemos ver dos exemplos (3) e (4):

(3) *Dái mniê stekliánniy/\*steklián stakán!*  
dê me de.vidro copo  
‘Me dá o copo de vidro!’

- (4) *Stakán dóljen byt stekliánni/\*steklián.*  
 copo deve ser de.vidro  
 ‘O copo tem que ser de vidro.’

Já os adjetivos possessivos (rus. *priti-azhátelnye prilagátelnye*), ou seja, os que denotam o possuidor de algo, preservam formas curtas não só na função predicativa, mas também na modificativa (atributiva), embora isso não aconteça em todos os seis casos de declinação. As formas curtas são sempre preservadas no nominativo, em que os possessivos não possuem formas longas, e, eventualmente, em alguns outros casos, a depender da flexão de gênero e número e da morfologia derivacional do adjetivo. Assim, o plural dos possessivos apresenta formas longas em todos os casos, exceto o nominativo. No feminino singular, os possessivos exibem a forma curta no nominativo e acusativo, conforme mostrado a seguir:

Nom.	<i>diédova</i> ‘do avô’	<i>mámina</i> ‘da mãe’
Acus.	<i>diédovu</i>	<i>máminu</i>
Gen., Dat., Instr., Prep.	<i>diédovoi</i>	<i>máminoi</i>

Já no masculino e neutro singular, o grau da preservação das formas curtas depende da morfologia derivacional do adjetivo possessivo: os formados com o sufixo *-ov* tendem a preservar as formas curtas no nominativo, acusativo, genitivo e dativo, enquanto os formados com o sufixo *-in* exibem as formas curtas apenas no nominativo e acusativo quando formalmente idêntico ao nominativo, conforme mostrado a seguir:

Nom.	<i>diédov</i> ‘do avô’	<i>mámin</i> ‘da mãe’
Acus.	<i>diédov/diédova</i>	<i>mámin/máminovo</i>
Gen.	<i>diédova</i>	<i>máminovo</i>
Dat.	<i>diédovu</i>	<i>máminomu</i>
Instr.	<i>diédovym</i>	<i>máminym</i>
Prep.	<i>diédovom</i>	<i>máminom</i>

Além dos adjetivos, a variação entre forma curta e forma longa ocorre também com os participios passivos passados.<sup>2</sup> Neles, a distribuição das duas formas parece obedecer de maneira categórica o critério de função sintática: na posição de adjunto adnominal, só é possível o uso da forma longa, enquanto na de predicativo do sujeito só é utilizada a forma curta, conforme mostram os exemplos (5) e (6):

- (5) *Mniê ponrávilsia sdiêlannii/\*sdiêlan*  
 Me agradou feito

*tobóiu podárok.*  
 por.você presente  
 ‘Eu gostei do presente feito por você.’

- (6) *Étot podárok byl sdiêlan/\*sdielannii mnói.*  
 Esse presente foi feito por.mim  
 ‘Esse presente foi feito por mim.’

Para entendermos essa distribuição assimétrica das formas curtas e longas entre os adjetivos e participios, voltamos agora a uma investigação histórica do surgimento e o desenvolvimento dessas categorias.

### As formas curtas e longas na perspectiva das gramáticas históricas

Do ponto de vista histórico, as formas curtas dos adjetivos deram origem às formas longas. Estas surgiram ainda no protoeslavo<sup>3</sup> (IVANOV, 1990, p.298), como resultado da incorporação do pronome demonstrativo *i* à terminação das formas

<sup>2</sup> No russo, há quatro tipos de participio: ativo presente (ex.: *diêlaiushii* ‘que faz’), ativo passado (ex.: *diêlavshii* ‘que fazia/fez’), passivo presente (ex.: *diêlami* ‘que está sendo feito’) e passivo passado (ex.: *sdiêlannii* ‘que foi feito’). Os primeiros três tipos atualmente se apresentam apenas na forma longa.

<sup>3</sup> O protoeslavo é considerado a língua mãe das línguas eslavas modernas. Ele se dividiu, provavelmente, por volta do séc. V-VI d.C. (IVANOV 1990, p.12), ou seja, no período ágrafo dos povos eslavos. Visto que a formação dos adjetivos longos ocorreu no protoeslavo, a coexistência de formas curtas e longas marca, de uma maneira ou outra, todas as línguas eslavas modernas.

curtas. Vale ressaltar que ambos os itens lexicais envolvidos no processo variavam em gênero, número e caso gramatical, de maneira que as combinações de suas formas flexionadas, após passarem por mudanças fonéticas, deram origem à declinação atual dos adjetivos de forma longa.

Esse fato recebe interpretações diferentes por gramáticos históricos. Segundo Tchernykh (1952) e Ivanov (1990), o uso do pronome *i* era, então, próximo ao do artigo definido nas línguas europeias modernas, e sua presença no sintagma nominal marcava como definido o portador da característica expressa pelo adjetivo. Já para Kolesov (2005), o pronome *i* marcava como definido não o substantivo, núcleo do sintagma, e sim o próprio adjetivo, expressando “a ideia de definitude de uma determinada característica em relação a uma determinada qualidade em geral” (KOLESOV, 2005, p.333). No entanto, ambas as perspectivas reconhecem que, ainda na língua russa antiga, a categoria de definitude que diferenciava as formas longas das curtas começou a enfraquecer. Ivanov (1990) indica três motivos para isso ter ocorrido, apresentados a seguir:

i. a ausência do pronome *i* podia expressar não só a indefinitude, mas também a neutralidade do substantivo em relação a esse traço. Em tais casos, a definitude estava incluída no significado lexical do substantivo e o emprego do pronome demonstrativo se tornava desnecessário. Esse era o caso de alguns topônimos bem conhecidos como *Novgorod* (composto pelo adjetivo de forma curta *nov* ‘novo’ e o substantivo *gorod* ‘cidade’) e de nomes de festas religiosas, por exemplo, *Velik den* ‘páscoa’ (literalmente, ‘grande dia’).

ii. os adjetivos possessivos não precisavam se combinar com o pronome demonstrativo para caracterizar o substanti-

vo como definido, pois, pela sua semântica, eles já cumpriam essa função. Portanto, em um primeiro momento os adjetivos possessivos não desenvolveram formas longas.

iii. as formas longas surgiram na posição de adjunto adnominal e não na de predicativo do sujeito, pois, neste último contexto, o adjetivo não era seguido pelo pronome demonstrativo. Ivanov (1990, p.292) explica isso pelo fato de que “a característica no predicado nominal se apresenta sempre como aquela que se atribui a ou se revela em um objeto já conhecido”. Kolesov (2005, p.334), por sua vez, argumenta: “visto que se expressava a definitude ou indefinitude da característica e não do objeto, a forma longa no uso predicativo se tornava supérflua”.

O desaparecimento da categoria de definitude parece ter sido compensado pela formação de outros tipos de relação entre as duas formas adjetivais. Gramáticas da língua russa moderna (VINOGRADOV 1947, p.262-265; ROZENTAL 2010, p.200) indicam, pelo menos, três maneiras das formas curtas e longas se distinguirem atualmente:

- 1) o desenvolvimento de novos significados em apenas uma das formas (ex.: *biêdnyi* ‘pobre’ ou ‘coitado’ x *biêden*, somente ‘pobre’);
- 2) a diferenciação estilística, em que as formas longas fazem parte de um registro mais coloquial e as curtas, de um mais formal (ex.: *krasivyi* x *krasiv* ‘bonito’);
- 3) a denotação de uma característica constante pela forma longa e de uma característica transitória pela forma curta (ex.: *iá zdoróvyi* ‘sou saudável’ x *iá zdoróv* ‘estou saudável’).

Outra mudança linguística a transformar a relação entre as duas formas foi o decréscimo do uso de adjetivos curtos na função de adjunto adnominal e a consequente perda da sua declinação. De acordo com Ivanov (1990), essa perda ocorreu em um período relativamente tardio, pois ainda em documentos do séc. XV é possível encontrar adjetivos curtos declinados em diferentes casos gramaticais. Segundo Tchernykh (1952), na Moscou dos séc. XVI e XVII alguns adjetivos curtos ainda eram empregados na função de adjunto adnominal, quando no nominativo ou no acusativo formalmente idêntico ao nominativo.

O abandono decisivo das formas curtas dos adjetivos qualitativos e relacionais na função de adjunto adnominal se deu em todos os estilos da língua somente no início do séc. XIX. A partir desse momento, o emprego dos relacionais na forma curta caiu em desuso de modo geral. O uso dos qualitativos na forma curta, por sua vez, se limitou quase completamente à predicação nominal, que no russo moderno também passou a permitir um emprego amplo de formas longas. Além disso, os adjetivos possessivos, que no início apresentavam apenas as formas curtas, passaram a ser declinados como adjetivos longos em alguns dos casos gramaticais.

### O surgimento das formas longas à luz da Teoria da Gramaticalização

De maneira geral, pode-se dizer que a gramaticalização é o processo pelo qual um item mais lexical se torna mais gramatical. Um fato importante é que a gramaticalização não afeta todos os usos de um dado item lexical, mas ocorre apenas “em certos contextos locais altamente restritos” (HOPPER & TRAUGOTT, 2003, p.100) ou, em outras palavras, “dentro de CONSTRUÇÕES PARTICULARES” (BYBEE, 2010, p.106).

Por exemplo, no latim vulgar, o verbo *habere* podia expressar a ideia de obrigatoriedade, quando atuava como auxiliar de um verbo no infinitivo. Portanto, *cantare habeo* significava algo como ‘devo cantar’. Na passagem do latim vulgar para o português, esse tipo de construção adquiriu a acepção do tempo futuro, ou seja, *cantare habeo* passou a significar ‘vou cantar’ (SILVA NETO, 1986, p.254-256). Paralelamente a essa mudança semântica, o verbo *habere* sofreu redução fonética e perdeu seu estatuto lexical, transformando-se na terminação do futuro simples do verbo pleno junto ao qual ocorria, conforme mostra o esquema a seguir:

*cantare habeo* > *cantare hei* > *cantarei*

Esse exemplo ilustra bem o processo de encadeamento (*chunking*) que serve de base para a posterior gramaticalização. Segundo Bybee (2010, p.34), *chunking* constitui “o mecanismo primário que leva à formação de construções”, quando uma sequência de itens (*chunks*) com alta frequência de uso acaba se transformando em um *chunk* maior. Os *chunks* maiores são em parte esquemáticos, pois além de virem com algumas partes fixas, podem apresentar algumas posições a serem preenchidas por uma categoria de itens semanticamente definidos (BYBEE, 2010, p.36). Assim, nas construções do tipo *cantare habeo*, o *habeo* constituía o elemento fixo, enquanto a posição do verbo no infinitivo podia ser ocupada por qualquer representante dessa classe lexical.

O *chunking* possui consequências importantes para o desenvolvimento de construções, a saber:

- 1) A construção passa a ser acessada diretamente como uma unidade e não como uma sequência de itens separados. Isso contribui para que ela se torne menos associada às suas partes constituintes e, portanto, perca

seu caráter decomponível. Assim, no nosso exemplo, os dois verbos, *cantare* e *habeo*, passaram a constituir um único verbo *cantarei*.

- 2) A alta repetição da construção contribuiu para a redução fonética de alguns dos seus elementos, pois “os movimentos articulatórios tendem a se reduzir e se sobrepor” (BYBEE, 2010, p.37), podemos ver isso na passagem do *habeo* para o *ei*.
- 3) Novos significados se estabelecem por meio de inferências a partir dos contextos de uso específicos. No nosso exemplo, a noção de obrigatoriedade contida no verbo *habere* se transformou na noção do futuro.

A partir dessas mudanças, a construção ganha autonomia em relação aos itens que a formaram. A gramaticalização constitui o caso mais extremo dessa autonomia, pois com ela certos elementos da construção perdem seu estatuto de itens lexicais independentes. Vejamos agora como isso se aplica aos adjetivos russos.

O desenvolvimento das formas adjetivais longas no protoeslavo se deve à incorporação do pronome demonstrativo *i* à terminação dos adjetivos curtos. A construção específica em que o *i* perdeu sua autonomia enquanto vocábulo foi a de um sintagma nominal em que o elemento demonstrativo ocorria entre o adjetivo curto e o substantivo como em (7)

- (7) *dobrŭ*      *i*      *tchelaviêk*  
 bom      esse      homem  
 ‘esse homem bom’

É possível verificar que a construção que possibilitou a origem dos adjetivos de forma longa continha o demonstrativo *i* como elemento fixo. Os elementos variáveis eram um adjetivo qualitativo ou relacional e o substantivo modificado pelo adjetivo, formando o esquema [Adj *i* Subst]. Em outros contextos, o pronome *i* continuou atuando como uma forma livre,

dando origem a pronomes do russo moderno, tais como *iêvo* (3ª pessoa singular masculina animada no acusativo e 3ª pessoa singular masculina e neutra no genitivo), *iêi* (3ª pessoa singular feminina no dativo), *iêiô* (3ª pessoa singular feminino no acusativo e no genitivo).

A transformação de um item lexical em um gramatical não ocorre de maneira abrupta. Para os adjetivos em questão, ela pode ser dividida nos seguintes estágios: estado inicial, reanálise da construção, modificação da forma da construção e mudanças semânticas após a gramaticalização.

Dessa maneira, o Estágio I corresponde ao estado em que o *i* exercia, no sintagma nominal, a função de pronome demonstrativo.

A gramaticalização em si começa com a reanálise sintática e semântica da construção específica, na qual um dado item ocorre (Estágio II). Essa reanálise, por sua vez, é possibilitada pela alta frequência de uso da construção que passa a constituir uma única unidade de processamento mental (BYBEE, 2003, p.603). Os dados das gramáticas históricas indicam que, dentro de um sintagma nominal, ou seja, em uma estrutura frequentemente utilizada na língua, o significado do pronome demonstrativo *i* se tornou mais geral e foi reanalisado como um artigo definido.

No Estágio III o *i*, que consistia de uma forma livre com acentuação própria, na qualidade de artigo se transformou em uma forma dependente átona, mais precisamente, um enclítico do adjetivo anteposto. A unidade fonética do pronome com o adjetivo permitiu que aquele fosse incorporado, reduzindo-se a um segmento fonético na terminação do adjetivo. Pode-se afirmar que, nessa fase, com a modificação da forma da construção, o item de fato se gramaticalizou.

O Estágio IV mostra como o uso afetou a semântica da construção após a gramaticalização. Inicialmente, o traço de definitude próprio do *i* se preservou no significado dos adjetivos longos. No entanto, com o passar do tempo, ocorreu o “descoramento semântico” (*bleaching*), ou seja, o processo da perda de componentes de significado (BYBEE, 2010, p.108), no qual a distinção entre as formas longas e curtas pelo traço de definitude se perdeu.

Os quatro estágios que resultaram na formação dos adjetivos de forma longa em russo são demonstrados no Quadro 1.

<b>Estágio I</b>	<i>dobr</i> Adj. ‘esse homem bom’	<i>i</i> Dem.	<i>tchiêlovek</i> Subst.
<b>Estágio II</b>	<i>dobr</i> Adj. “o homem bom”	<i>i</i> Det.	<i>tchiêlovek</i> Subst.
<b>Estágio III</b>	<i>dobrъi</i> (> <i>dobryi</i> ) Adj. “o homem bom”		<i>tchiêlovek</i> Subst.
<b>Estágio IV</b>	<i>dobryi</i> Adj. “(um/o) homem bom”		<i>tchiêlovek</i> Subst.

**Quadro 1.** Gramaticalização do pronome demonstrativo *i* e formação dos adjetivos de forma longa.

Desse modo, a história dos adjetivos longos ilustra a tendência de “construções perifrásticas se fundirem ao longo do tempo e se tornarem morfológicas” (HOPPER & TRAUGOTT, 2013, p.8) e vai além dela, pois o elemento incorporado ao adjetivo deixou de ser analisado como um morfema à parte. A gramaticalização do pronome *i* obedeceu ao seguinte esquema geral:

item lexical em um contexto sintático específico > clítico > afixo > fonema

É importante salientar que o surgimento de novas formas gramaticais não pressupõe o abandono necessário das utilizadas anteriormente. O fenômeno de coexistência das estruturas inovadoras ao lado das mais antigas é chamado de estra-

tificação (*layering*) e advém do fato de ambas contribuírem para o mesmo domínio gramatical. No caso dos adjetivos em russo, as formas longas ganharam uma distribuição mais ampla através do mecanismo da analogia, mas as curtas não deixaram de existir, embora o seu uso tenha se restringido muito.

Segundo Hopper & Traugott (2003, p.126), “durante qualquer fase da coexistência há alguns contextos em que os dois tipos em questão envolvem uma clara diferença pragmática. Há outros contextos em que a escolha entre eles é menos clara em relação à diferença pragmática”. A fim de caracterizar as diferenças no uso das duas formas adjetivais no russo antigo literário, voltamos o nosso estudo para a verificação dos fatores que determinavam a variação entre elas.

## Metodologia

O objeto do nosso estudo são formas curtas e longas dos adjetivos no russo antigo literário. Consideramos como antiga a língua russa utilizada a partir do século XI, ao qual remontam os primeiros textos conhecidos, até o século XVII. Esse recorte se justifica pelos seguintes motivos.

A situação linguística na Rússia antiga era marcada pela diglossia. Nela, coexistiam o russo, a língua da comunicação cotidiana e de textos literários laicos, e o eslavo eclesiástico, a língua erudita, amplamente utilizada na literatura, sobretudo, de cunho religioso. Segundo Kojin (1989), no século XVII, cresce a importância da língua falada, enquanto o eslavo eclesiástico “se russifica”, incorporando cada vez mais palavras e expressões do vernáculo. Essas transformações acarretam tentativas de ordenar e normatizar a escrita, seguidas de reflexões e debates acerca da forma que a língua literária nacional deveria tomar. Além disso, de acordo com

Lihatchov (1963), nessa época o sistema de gêneros literários medievais começa a mudar, dando origem ao sistema de gêneros da nova literatura russa. Entre as mudanças ocorridas, Lihatchov (1958) cita o aumento da importância do autor, o reconhecimento da linguagem popular como um estilo à parte e o surgimento da literatura democrática. Portanto, a partir do final do século XVII, começa o processo de *Ipatievskaja*, para o segundo, o poema *Zadónschina* e um relato sobre a batalha de Kulikovo e, para o terceiro, o poema *História de Angústia e Infelicidade* e um trecho do *Vriëmennik*, de Ivan Timofeev, no qual se trata da ascensão ao trono de Boris Godunóv. Todos os textos foram extraídos do site oficial do Instituto de literatura russa (*Pushkinski Dom*) da Academia Russa de Ciências: <http://lib.pushkinskijdom.ru/>. Nesse site, as edições das obras literárias antigas são acompanhadas de uma tradução para o russo moderno e de uma introdução que versa sobre a história da criação e as características literárias de cada texto,

constituição de uma nova língua e literatura, que não podem mais ser consideradas pertencentes ao sistema do russo antigo.

Nosso *corpus* inclui seis textos, sendo que em cada um dos três estados sincrônicos escolhemos um texto poético e um relato histórico em prosa. Assim, para o primeiro período, analisamos o *Canto da Campanha de Igor*, e um trecho da *Liêtopis*

assim como sobre o manuscrito que serviu de base para a edição.

Para analisar a variação das formas curtas e longas no nosso *corpus*, levamos em conta variáveis tanto formais (função sintática, tipo de adjetivo, flexão de número e caso gramatical) como semânticas e funcionais (definitude do referente, animacidade do referente, gênero textual). As ocorrências dos adjetivos foram codificadas de acordo com essas variáveis e, em seguida, processadas pelo programa de análise estatística GoldVarb X. A quantidade de ocorrências coletadas e analisadas estatisticamente está demonstrada na tabela a seguir.

Estado sincrônico	Formas curtas	Formas longas	Total
<b>Período 1</b> (final do séc. XII)	240	363	603
<b>Período 2</b> (final do séc. XIV - 1ª metade do séc. XV)	159	668	827
<b>Período 3</b> (1ª metade - meados do séc. XVII)	230	468	698

## Resultados

Passamos à apresentação dos resultados obtidos por meio da análise estatística dos dados com base nos sete fatores preestabelecidos. Esses resultados são demonstrados por meio de gráficos em que

contrastamos os três períodos estudados. Os valores correspondem aos percentuais de ocorrência das duas formas segundo o fator em questão.

### Fator tipo de adjetivo

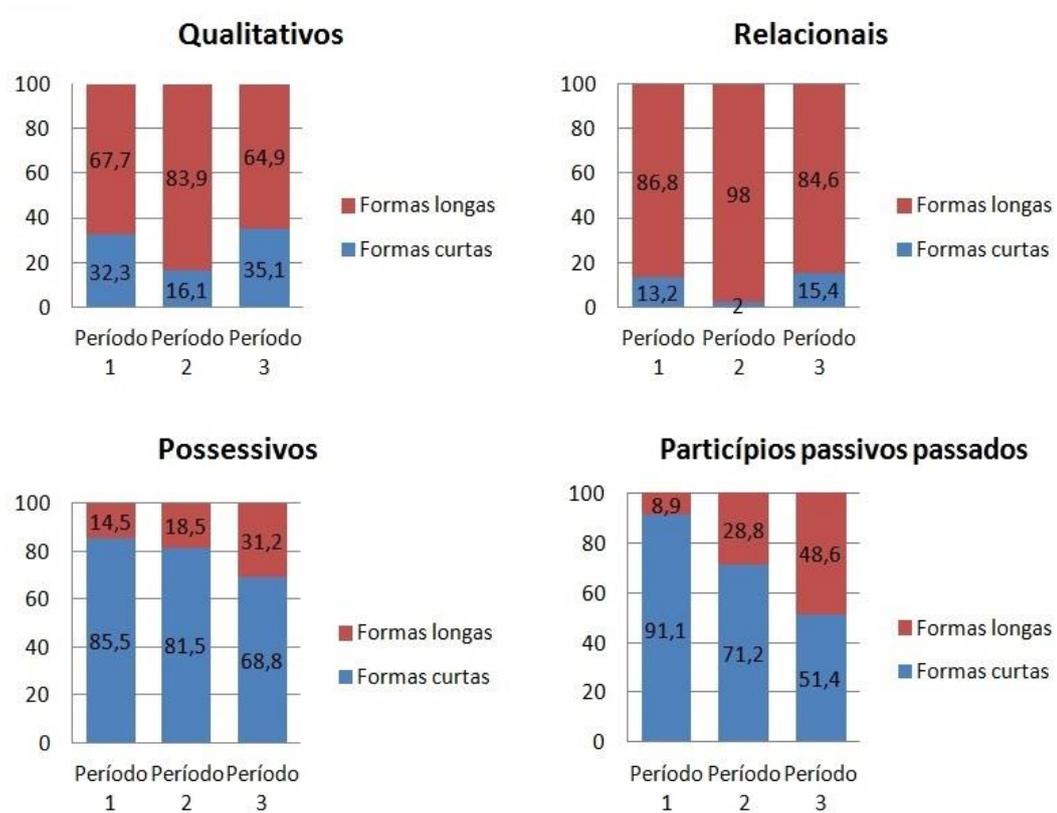


Gráfico 1. Distribuição das formas curtas e longas dos adjetivos no russo antigo literário, conforme o fator tipo de adjetivo.

Os gráficos apresentados acima demonstram a distribuição das formas curtas e longas de acordo com o fator *tipo de adjetivo*, dentro do qual distinguimos os adjetivos qualitativos, relacionais, possessivos e ainda particípios passivos passados. Dos gráficos referentes aos dois últimos tipos, pode-se concluir que, em todos os períodos estudados, eles constituem o *locus* da maior preservação das formas curtas. Por outro lado, o uso dos possessivos e particípios passivos passados na forma longa cresceu de modo constante ao longo tempo. Em relação aos adjetivos possessivos, repare-se ainda que, já no final do séc. XII (período 1), uma parte

deles (14,5%) era empregada na forma longa. Isso se difere da situação original em que os possessivos, por não terem sido seguidos pelo pronome demonstrativo *i*, não haviam desenvolvido as formas longas.

No que diz respeito aos adjetivos qualitativos e relacionais, percebe-se que, entre os períodos 1 e 2, houve uma queda significativa no uso das suas formas curtas, especialmente expressiva nos relacionais (de 13,2% para 2%). No entanto, o século XVII (período 3) parece ter sido um período de “renascença” (ainda que temporária) das formas curtas desses dois

tipos adjetivais, pois seus percentuais che-

gam a se equiparar com os do século XII.

### Fator função sintática

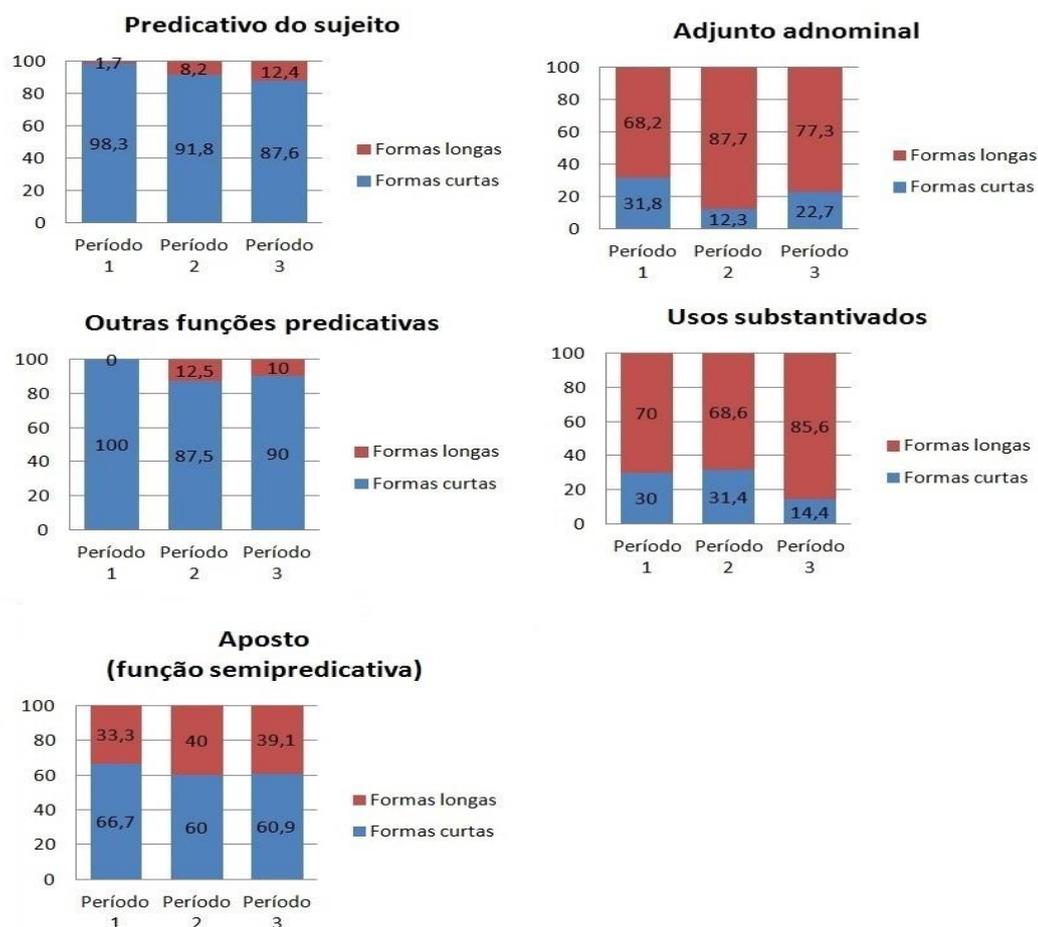


Gráfico 2. Distribuição das formas curtas e longas dos adjetivos no russo antigo literário, conforme o fator função gramatical.

Os gráficos acima demonstram os resultados da distribuição das formas curtas e longas de acordo com a função sintática do adjetivo. As funções *predicativo do sujeito*, *adjunto adnominal* e *aposto*, por serem as mais frequentes, são apresentadas por gráficos separados. As demais funções são reunidas em dois grupos: *outras funções predicativas*, incluindo predicativo do objeto e predicativo verbo-nominal, e *usos substantivados*, em que os adjetivos exer-

cem funções típicas dos substantivos, tais como sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial e agente da passiva.

Conforme já mencionado, os adjetivos inicialmente desenvolveram as formas longas apenas na função modificativa. Portanto, estas últimas foram introduzidas no âmbito de predicação apenas em um momento posterior. Os gráficos referentes às funções predicativas ilustram bem esse processo. No *corpus* do final do séc. XII

(período 1), encontramos apenas uma ocorrência (ou 1,7%) da forma longa na função de predicativo do sujeito. No período 2, o número de ocorrências das formas longas na predicação aumenta, permanecendo ainda claramente minoritário. Além disso, a comparação dos percentuais relativos aos períodos 2 e 3 nos permite afirmar que havia uma certa resistência ao uso das formas longas na predicação, de maneira que ele não apresenta um crescimento significativo. Continuamos observando resquícios dessa resistência no russo moderno, em que a função de predicativo do sujeito se mostra “guardiã” das formas curtas dos adjetivos qualitativos e participios passados passivos.

A função de adjunto adnominal, por sua vez, foi o local do surgimento da forma longa. Os dados do final do século XII já demonstram o uso consolidado das formas longas nessa função, constituindo cerca de dois terços (68,2%) das ocorrências. No período 2, esse uso ganha mais terreno ainda (87,7%), mas recai no período 3 (77,3%), o que deve estar ligado ao aumento no emprego das formas curtas dos qualitativos e relacionais na época.

Ao lado da função de adjunto adnominal, os usos substantivados dos adjetivos se revelam altamente favorecedores da forma longa. Nos períodos 1 e 2, as formas curtas marcam apenas cerca de um terço de adjetivos substantivados, tornando-se ainda mais raras no período 3. Se-

gundo Tolstoi (1957, p.120), os dados do eslavo antigo (séculos X e XI) já permitem falar sobre “um processo que levou à fixação da forma longa como a única forma para a substantivação dos adjetivos”. Na língua russa, esse processo também ocorreu, de maneira que hoje em dia o adjetivo substantivado não pode se apresentar na forma curta. De acordo com Rozental (2010, p.348), o aposto não forma um sintagma junto com o substantivo modificado, mas entre os dois há *uma relação semi-predicativa*, pelo fato de os apostos contem uma afirmação ou negação adicional. Em vista disso, optamos por apresentar os resultados obtidos para a função de aposto à parte, sem incluí-los nos gráficos das funções predicativas. Aliás, os próprios resultados corroboram a ideia de que o aposto precisa ser analisado de maneira separada. A partir da comparação dos percentuais no período 1, já é possível perceber que, se por um lado, os predicativos do objeto e verbo-nominais só admitiam a forma curta, havendo apenas um predicativo do sujeito na forma longa, por outro, o aposto exhibe a forma longa em um terço das ocorrências. Os percentuais obtidos para os períodos 2 e 3 evidenciam que a propagação das formas longas nesse âmbito continua, ainda que paulatinamente. Mais tarde, isso resultará no sistema do russo moderno em que a função de aposto não admite mais o uso de formas curtas.

## Fatores número e caso gramatical

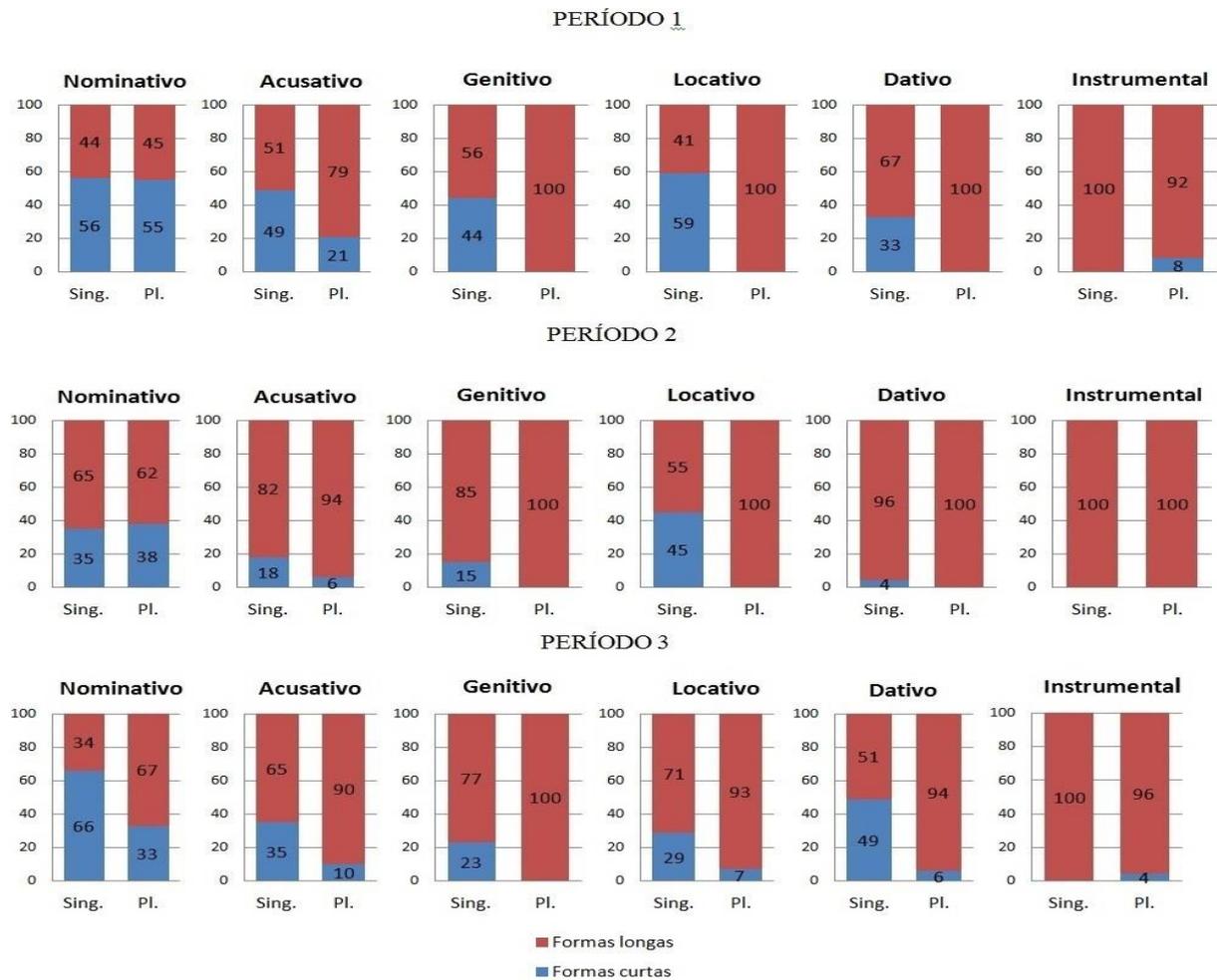


Gráfico 3. Distribuição das formas curtas e longas dos adjetivos no russo antigo literário, conforme os fatores caso gramatical e flexão de número

Os gráficos apresentados acima demonstram a distribuição das formas longas e curtas de acordo com o número e caso gramatical. Olhando para os gráficos relativos ao período 1, percebemos que o caso nominativo favorecia as formas curtas mais do que todos os outros: tanto no nominativo singular quanto no plural, as formas curtas constituem mais da metade de ocorrências. No acusativo singular, as formas curtas também marcam a metade de ocorrências, no entanto, no plural, seu uso cai de modo significativo. No locativo singular, as formas curtas são predominantes também, mas no plural elas sequer

ocorrem. No genitivo e dativo singular, as formas curtas apresentam percentuais bastante grandes, ainda que sejam minoritárias, mas no plural novamente houve ocorrências apenas de formas longas. O instrumental é o caso que apresenta menos formas curtas: elas são ausentes no singular, enquanto no plural marcam apenas 8% de ocorrências.

No período 2, o uso de formas curtas diminui de maneira expressiva em todos os casos gramaticais, enquanto no período 3 esse uso volta a crescer. No período 3, houve ocorrências de formas curtas no locativo e dativo plural, o que não verifi-

camos para os períodos anteriores. Além disso, reaparecem formas curtas no instrumental plural. Nesse mesmo período, no nominativo singular e no dativo singular, os percentuais das ocorrências de formas curtas ultrapassam até os obtidos para o período 1.

Esses dados comprovam quantitativamente a afirmação geral de que, no plural, as formas longas se sobrepuseram às formas curtas com mais rapidez do que no singular e, nos casos oblíquos, isso aconteceu antes que no nominativo (KOLESOV, 2005, p.335). Além disso, os resultados obtidos evidenciam que o instrumental foi o primeiro caso gramatical em que as formas curtas saíram de uso.

A predominância das formas curtas no nominativo se explica em parte pelo fato de que a posição de predicativo do

sujeito favorecia fortemente o uso tanto de formas curtas quanto do nominativo. Outra explicação, que dá conta dos dados tanto no nominativo quanto no locativo, se refere à quantidade de sílabas. Segundo Ivanov (1990, p.295), as primeiras formas curtas a terem saído de uso foram as que compartilhavam com suas correspondentes longas o mesmo número de sílabas. Isso diz respeito, sobretudo, aos adjetivos no instrumental singular do masculino e do neutro. As formas curtas do nominativo e locativo singular, por sua vez, possuíam uma sílaba a menos que as suas correspondentes longas. Essa diferença fez com que, nesses dois casos gramaticais, formas curtas persistissem até o século XVII.

### Fator animacidade do referente

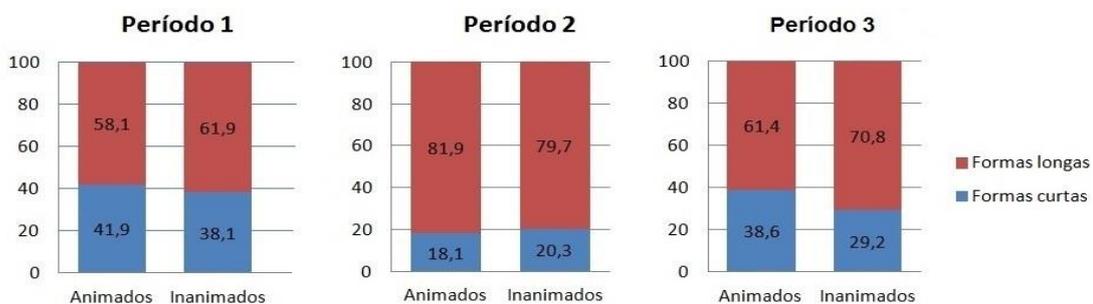


Gráfico 4. Distribuição das formas curtas e longas dos adjetivos no russo antigo literário, conforme o fator animacidade do referente

Como podemos depreender dos gráficos acima apresentados, o fator *animacidade do referente* parece não ser relevante para a variação entre as formas curtas e longas nos períodos 1 e 2. Vê-se que, em cada um desses períodos, a distribuição das formas curtas é praticamente idêntica tanto com os referentes animados como com os inanimados. Repare-se também

que, no período 2, o emprego de formas curtas é menos frequente com qualquer tipo de referente, correspondendo ao decréscimo geral no seu uso. Já no período 3, o percentual das formas curtas ligadas a um referente animado cresce em relação às com um referente inanimado. Isso pode indicar o começo de uma reconfiguração no uso das formas curtas que levaria ao sistema da língua russa atual, na qual,

segundo Corbett (2004, p.207), os sujeitos que denotam seres animados favorecem as

formas curtas mais que os sujeitos com referentes inanimados.

### Fator *definitude* do referente

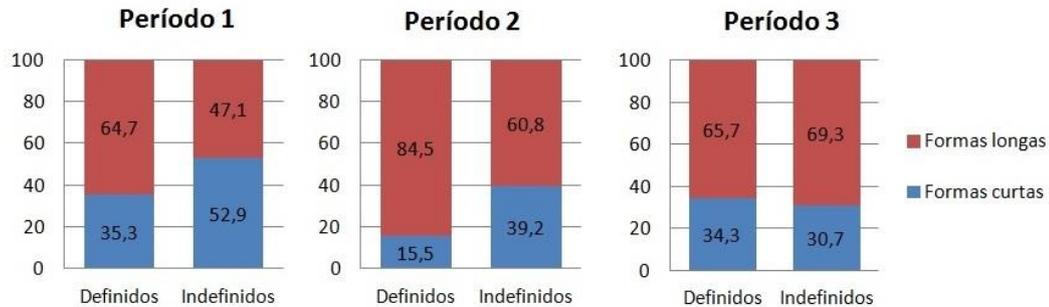


Gráfico 5. Distribuição das formas curtas e longas dos adjetivos no russo antigo literário, conforme o fator *definitude* do referente

Como vimos nas seções anteriores, originalmente, as formas longas eram marcadas pelo traço de *definitude*, a herança semântica do pronome demonstrativo *i*. Para Tolstoi (1957), a principal função da forma longa no eslavo antigo era a de individualizar o objeto, destacá-lo entre outros possuidores da mesma característica. No caso dos possessivos, a individualização possibilitada pela própria semântica do adjetivo que denota propriedade era tão forte que dispensava o emprego da forma longa. Os relacionais, por sua vez, possuíam um significado mais geral, embora conseguissem em certa medida particularizar o objeto, sobretudo os que designavam as circunstâncias locativas e temporais. Os qualitativos eram os que proporcionavam a menor determinação ao referente, pois lhe atribuíam características bastante gerais, tais como cor, propriedades físicas e qualidades pessoais.

Dessa maneira, os adjetivos dos últimos dois tipos precisavam receber a marca formal da variante longa toda vez que individualizavam um objeto. Portan-

to, no eslavo antigo havia uma correlação bastante clara entre o tipo de adjetivo, a *definitude* e o uso das duas formas adjetivais.

Sem especificarmos a relação entre o tipo de adjetivo e a *definitude*, podemos dizer, no entanto, que a relação entre a *definitude* e o uso das formas curtas e longas entra em declínio no russo antigo. Olhando para os resultados gerais apresentados nos gráficos acima, percebemos que, já no final do séc. XII (o período 1), quase metade dos adjetivos com referentes indefinidos eram empregados na forma longa. No período 2, esse percentual sobe a 60,8 %, enquanto o uso das formas curtas diminui de modo geral. No período 3, o uso das formas curtas sobe novamente, apresentado os percentuais comparáveis (cerca de um terço de ocorrências) tanto com os referentes definidos quanto com os indefinidos. Pode-se dizer que, nesse período (séc. XVII), o fator *definitude* deixa de ser relevante para a variação das formas curtas e longas.

### O fator *gênero textual*

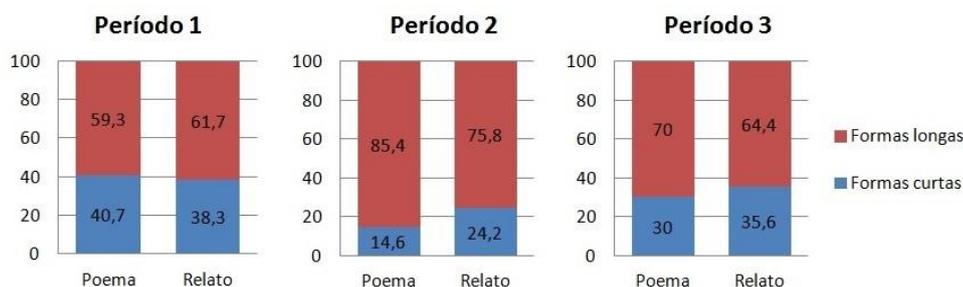


Gráfico 6. Distribuição das formas curtas e longas dos adjetivos no russo antigo literário, conforme o fator gênero textual

Como foi dito na seção de metodologia, em cada período analisamos dois textos: um de caráter poético e outro um relato histórico em prosa.

Os documentos em prosa pertencem a dois gêneros: *liêtopis* (os primeiros dois) e *Vriêmennik* (o terceiro). Pelo seu conteúdo, ambos os gêneros correspondem a uma espécie de crônica em que são registrados importantes acontecimentos históricos. Em vista disso, para fins de comparação com os textos poéticos, consideramos *liêtopis* e *Vriêmennik* como pertencentes a um gênero maior, relato histórico em prosa. A diferença entre os dois está no fato de que, segundo Lihatchov (1963), a *liêtopis* constituía um documento oficial, com valor tanto artístico quanto jurídico-histórico. Já, o *Vriêmennik*, de Ivan Timofeev, é uma obra artística e publicística, em que o elemento subjetivo do autor, sua avaliação pessoal dos acontecimentos descritos, se mostra com mais força.

Os textos poéticos também apresentam algumas diferenças. O *Canto da Campanha de Igor*, principal obra literária do século XII, reuniu em si dois procedimentos artísticos, o oratório e o folclórico. O *Zadónchina*, o poema estudado no período 2, foi fortemente influenciado pelo *Canto de Campanha de Igor*, a ponto de retomar certas imagens, expressões e até trechos da obra anterior. Além disso, ele também apresenta uma variação estilística, inclu-

indo, ao lado dos elementos retóricos, os da escrita administrativa e folclóricos. Já *História de Angústia e Infelicidade*, criada no século XVII, é caracterizada pela tentativa do autor de seguir o estilo folclórico (e, portanto, a língua falada). Isso se evidencia até no fato de que, entre todos os textos analisados nesse estudo, a *História de Angústia e Infelicidade* foi o único que pôde ser compreendido sem recorrermos à tradução para o russo moderno.

Para o período 1, o gênero textual não se mostrou um fator relevante, pois em ambos os textos as formas curtas apresentam praticamente o mesmo percentual de ocorrência, menor que o das formas longas. No período 2, houve mais ocorrências das formas curtas no trecho da *liêtopis* do que no poema *Zadónchina*. Talvez, isso se explique pelo fato de que a *liêtopis* constituía um documento oficial e, portanto, apresentava uma linguagem mais conservadora. A *Zadónchina*, por sua vez, reunia elementos de vários estilos, conforme vimos acima.

No período 3, o percentual de ocorrências das formas curtas no *Vriêmennik* de Ivan Timofeev é algo maior do que na *História de Angústia e Infelicidade*. No entanto, a diferença nos percentuais não é tão grande para que possamos concluir que ela provém das diferenças estilísticas entre os dois textos. Isso até pode ser visto como um fato surpreendente se levarmos em

conta que a *História de Angústia e Infelicidade* se aproxima da língua falada, enquanto o *Vriëmennik* de Ivan Timofeev é marcado pelas preocupações retóricas do autor, tido como um dos homens mais cultos da sua época.

## Considerações finais

Os resultados obtidos a partir da análise estatística realizada por meio do programa Goldvarb X indicam os fatores *tipo de adjetivo, função sintática, caso gramatical, flexão de número* como determinantes na variação na forma adjetival no russo antigo literário em todos os períodos. O fator *definitude do referente* passa por um processo de perda de relevância, a ponto de se tornar completamente irrelevante no século XVII. O fator *gênero textual* adquire certa importância apenas no período 2, enquanto o fator *animacidade* começa a influenciar na variação entre as formas curtas e longas a partir do século XVII.

A distribuição das ocorrências segundo o tipo de adjetivo evidencia que, nos adjetivos possessivos e participios passivos passados, o uso das formas longas aumentou de modo progressivo ao longo dos séculos, embora ele não tenha prevalecido sobre o uso da forma curta nos três períodos estudados. Para os qualitativos e relacionais, observamos o decréscimo no uso das formas curtas entre os períodos 1 e 2. Porém, no período 3, os percentuais relativos às formas curtas dos qualitativos e relacionais voltam a crescer.

No âmbito das funções sintáticas, delimitamos o principal domínio de cada uma das formas adjetivais. A forma longa prevalece na posição de adjunto adnominal e nas posições que pressupõem o emprego dos adjetivos substantivados (sujeito, objeto direto, objeto indireto e adjunto adverbial). Porém, deve ser ressaltado que, assim como aconteceu com os adjetivos

qualitativos e relacionais, o emprego das formas curtas na posição de adjunto adnominal cresceu do período 2 para o período 3. Nas funções predicativas, o uso da forma curta é predominante, embora, nos períodos 2 e 3, o da forma longa cresça em relação ao período 1. Na função de aposto, caracterizada como *semipredicativa*, as formas curtas prevalecem, mas não de modo categórico como nas funções predicativas. Os apostos na forma longa constituem um terço de ocorrências já no período 1, tornando-se ainda mais frequentes no período 2 e 3.

Os resultados relativos aos fatores *caso gramatical e flexão de número* demonstram que, inicialmente, as formas curtas caíram em desuso no número plural e no caso instrumental. Apenas nos períodos 1 e 3, houve algumas ocorrências das formas curtas no instrumental plural, sendo elas completamente ausentes no instrumental singular. No número plural, à exceção do nominativo em todos os períodos e do acusativo no período 1, as formas curtas são altamente desfavorecidas. Já no singular de todos os casos, exceto o instrumental, as formas curtas são melhor preservadas, especialmente no nominativo. Uma das possíveis explicações para isso está na estrutura silábica: as formas curtas que não apresentavam o mesmo número de sílabas que suas correspondentes longas tendiam a se preservar no uso por mais tempo.

O fator *animacidade* não se mostrou relevante nos períodos 1 e 2, pois a distribuição das formas curtas e longas foi quase igual nos adjetivos com referentes animados e inanimados. Já no período 3, identificamos uma tendência ao uso maior das formas curtas com os animados. Isso pode indicar o começo da construção do sistema do russo moderno, em que os sujeitos animados favorecem o uso de predi-

cativos na forma curta mais que os sujeitos inanimados.

Os resultados obtidos para o fator *definitude* evidenciam o enfraquecimento do caráter categórico da correlação *definido – forma longa, indefinido – forma curta*. Já no período 1, quase a metade dos adjetivos com referentes indefinidos era empregada na forma longa. Nos períodos 2 e 3, esse percentual cresce ainda mais, o que demonstra a propagação da forma longa tanto com os referentes definidos quanto com os indefinidos. Esse processo faz parte de um fenômeno maior que é a propagação da forma longa na classe dos adjetivos em geral. Com o tempo, surgiram outras maneiras de diferenciação semântica entre as duas formas adjetivais, como, por exemplo, a distinção *característica constante x característica transitória* nas formas longas e curtas, respectivamente.

O fator *gênero textual* não se mostrou relevante para o período 1. No período 2, o emprego das formas curtas no relato histórico é maior que no poema *Zadónchina*, o que pode ser explicado pelo caráter mais oficial daquele e pela mistura estilística deste último. No período 3, o emprego das formas curtas é algo maior no *Vriëmennik* do que na *História de Angústia e Infelicidade*. No entanto, essa diferença não é tão marcante se considerarmos que o primeiro é um texto retórico escrito com a linguagem culta, enquanto o último se aproxima da língua falada.

Dessa maneira, os resultados apresentados nesse trabalho trazem evidências para os seguintes fenômenos diacrônicos:

- a propagação das formas longas de acordo com o tipo de adjetivo, com um período de “renascença” temporária das formas curtas dos adjetivos qualitativos e relacionais no século XVII;

- a propagação das formas longas em todas as funções sintáticas, embora as funções predicativas continuem sendo dominadas pelas formas curtas nos três períodos estudados;

- a propagação das formas longas segundo o caso gramatical e flexão de número, embora, no século XVII, haja certo aumento nos percentuais das formas curtas em comparação com o século XV.

- o começo da tendência de os referentes animados favorecerem as formas curtas mais do que os inanimados (a partir do século XVII);

- o desaparecimento da correlação entre a (in)definitude do referente e o uso de uma ou outra forma adjetival.

Além disso, foi possível verificar que a variação no uso das formas curtas e longas independe do gênero textual em que ocorre, pelo menos no que diz respeito a textos literários. Talvez uma investigação que contemple maior variedade de gêneros textuais possa revelar resultados divergentes. Contudo, a escassez de documentos de natureza não literária disponíveis para investigação constitui um fator que dificulta a averiguação do real impacto do gênero textual sobre o uso das formas longas e curtas dos adjetivos.

Deve-se salientar que a descrição apresentada neste trabalho, evidentemente, não esgota a questão do desenvolvimento histórico das formas curtas e longas. Para um panorama mais completo, seria interessante continuar a investigação, voltando-se agora para textos referentes aos séculos XVIII a XXI. Com isso, será possível proporcionar mais evidências quantitativas para o longo processo diacrônico da difusão das formas longas na língua russa.

## Referências bibliográficas

BYBEE, Joan. From usage to grammar: the mind's response to repetition. In: **Language**, 82 (4), 2006, p.711-733.

BYBEE, Joan. **Language, Usage and Cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.

CORBETT, Greville G. The Russian adjective: a Pervasive yet Elusive Category. In: DIXON, R.M.W. e AIKHENVALD, A.Y. (Ed.). **Adjective Classes: A Cross-Linguistic Typology**. New York: Oxford University Press, 2006, p.199-222.

HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

IVANOV, Valerii. **Istoritcheskaja grammatika russkogo iazyka (Gramática histórica da língua russa)**. Moscou: Prosveschenie, 1990.

KOJIN, Aleksandr. **Literaturnyi iazyk dopushkinskoi Rossii (A língua literária da Rússia pré-pushkiniana)**. Moscou: Russkii iazyk, 1989.

KOLESOV, Vladimir. **Istoria russkogo iazyka (História da língua russa)**. Moscou: Academia, 2005.

LIHATCHOV, Dmitri. K voprosu o zarozhdenii literaturnykh napravlenii v russkoi literature (Sobre a questão de surgimento de correntes literárias na literatura russa). In: **Rússkaia Literatura (Literatura russa)**. Leningrado: 1958, p.3-13.

LIHATCHOV, Dmitri. Sistema literaturnykh janrov Drevnei Rusi (Sistema de gêneros literários da Rus Antiga). In: VINOGRADOV, V.V. (Ed.). **Slaviánskie Literaturny (Literaturas Eslavas)**. Moscou:

Izdatelstvo Akademii Nauk SSSR, 1963, p.47-70.

ROZENTAL, Ditmar. **Sovremennyi russki iazyk (A lingual russa moderna)**. Moscou: Airis-press, 2010.

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

TCHERNYKH, Pavel. **Istoritcheskaja grammatika russkogo iazyka (Gramática histórica da língua russa)**. Moscou: Uchpedgiz, 1952.

TOLSTOI, Nikita. Znachenie kratkikh e polnykh form prilagatelnykh v staroslavianskom iazyke (O significado das formas curtas e longas dos adjetivos no eslavo antigo). In: **Voprosy slavianskogo iazykoznanija**, 2, 1957, p. 43-122.

VINOGRADOV, Viktor. **Russkii iazyk: Grammaticheskoe utchenie o slove (A língua russa: Teoria gramatical da palavra)**. Moscou: Uchpedgiz, 1947.

*Abstract: This article presents a study about the usage of short and long forms of adjectives in the literary Old Russian. It is a diachronic study that compares three historical periods: 1) the end of 12th century, 2) the end of 14th century – the first half of 15th century and 3) the first half of and the mid-17th century. The coexistence of two forms is treated in the light of grammaticalization theory, according to which more ancient linguistic structures (short adjectives) persist together with innovative ones, fruits of grammaticalization, (long adjectives), when there are differences in their usage. The variation of the usage of two adjective forms is explained on the basis of statistical analysis of the data, which has indicated the linguistic factors relevant to the choice between them.*

**Keywords:** adjectives; grammaticalization; Old Russian; variation.